

RESUMO

As reflexões deste artigo dizem respeito à pessoa do professor e a algumas qualidades que fazem deste profissional uma pessoa idealisticamente perfeita. Estas qualidades são descritas como os saberes (o conhecimento), os fazeres (a prática) e os pensares (a reflexão e a pesquisa)

Palavras-chave: Professor, Didática, Conhecimento, Prática, Reflexão

ABSTRACT

The reflections of this article concern the teacher's person and some qualities that do a ideally perfect personality of this professional. These qualities are described as scientific acts (knowledge), practice acts (the practice) reflexive acts (reflection and research)

Key-words: Teacher, Didacticism, Knowledge, Practice, Reflection

1 INTRODUÇÃO

Um artigo de Daniela Pinto, escrito em uma das edições da Revista Universitária, motivou-me a pensar na figura ideal de um professor. E já que uma figura idealista, no sentido de extremamente desejável, utópica - no sentido de que sempre deixará um espaço para um ideal a ser atingido -, foi a que mais me aflorou à mente, sintetizei essa minha reflexão-imaginação na qualidade do professor como ser perfeito, pelo menos, idealmente perfeito, consciente sempre de que ele jamais estará acabado, terminado, completo, totalmente perfeito. Mas nessa minha “ruminação” interior, quase intelectual, vieram-me à mente duas palavras que, a meu ver, eram muito semelhantes, quase sinônimas: completitude e perfeição.

Foi então que busquei o Dicionário do Aurélio para me esclarecer e aprofundar o conteúdo destes dois vocábulos ou, em se querendo, destas duas idéias. Portanto, leio o artigo da autora, reproduzo suas idéias, mas faço foco nestas duas perspectivas. O restante é trabalho da autora, devidamente referenciada ao final deste artigo.

¹ Atualmente é Coordenador Institucional de Pesquisa na Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz – FACIBRA - . Atua também como Consultor autônomo para assuntos de Metodologia Científica Aplicada a Trabalhos Acadêmicos. E-mail: profmoises@brturbo.com.br

2 COMPLETITUDE E PERFEIÇÃO

O Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999, p. 513.1543) apresenta COMPLETITUDE, através de sua derivada 'completa', como a qualidade ou condição de uma coisa a que não falta nada do que pode ou deve ter; preenchida, concluída; Total, cabal; Perfeita, acabada, Inteira, exata; para PERFEIÇÃO são apresentados nove significados, entre os quais estão: o máximo de excelência a que uma coisa (pessoa) pode chegar; primor, correção; Mestria, perícia.

Por conseguinte parece que as duas idéias (duas palavras) sintetizam tudo aquilo que se espera de um professor, principalmente de um bom professor: que seja completo, perfeito.

Embora seja facilmente argumentável a impossibilidade de que um professor seja perfeito, é, no entanto, possível auspiciar que ele o seja o tanto quanto mais próximo possível deste conceito. Pode ser que a busca contínua, incansável, plena desse profissional seja a condição que possibilita poder considerá-lo como ser perfeito. Perfeição total, completa só para os seres superiores sobrenaturais e, mesmo assim, para nem todos.

3 A TRÍADE DE UM PROFESSOR COMPLETO: a reflexão, o conhecimento e a prática.

Enfim, chega-se ao ponto central do artigo que é a consideração de Daniela (PINTO,2008, p.1). A autora dissertou sobre o assunto falando nos pensares, nos saberes e nos fazeres de um professor. Essa idéia parece poder ser traduzida pelas palavras: reflexão, conhecimento e prática.

Sem querer questionar a ordem destas palavras, tentando hierarquizá-las em ordem de importância, colocando em primeiro plano aquela que fosse mais importante do que as demais e em terceiro plano aquela que dependesse da harmonia das duas primeiras. Assim, por exemplo, alguém poderia acentuar que o conhecimento é mais importante do que a reflexão e que, portanto, ele deveria vir em primeiro lugar. Outros poderão considerar que a ação (a prática) deve vir no meio, pois unida ao conhecimento produz a

reflexão. Qualquer tipo de alongada discussão sobre tais elementos transformar-se-ia em futilidade, tornando-se estéril e tediosa.

O interessante do artigo da autora é que ela foca sua fala na Pessoa do Professor Universitário. Entretanto, parece ser possível estender a mesma reflexão para qualquer categoria ou nível desse profissional da educação.

Inspirando-se nas idéias daquele artigo parece, sem sombra de dúvida, que o professor da atualidade, seja ele de qualquer nível de ensino, tem como necessidades e obrigações irrecusáveis, indispensáveis e irrenunciáveis aquelas de pesquisar alguma doutrina (teoria) educacional que possa iluminar a sua prática e esforçar-se herculeamente para buscar formas de atividades que sejam comprobatórias de suas teorias e de suas fundamentações, principalmente pedagógicas. Pinto afirma que “o professor ...[...] (precisa mobilizar)... sua ação consciente de acordo com os novos desafios propostos” (2008, p. 1).

Esta capacidade do professor não se dá tão simplesmente pelo seu exercício profissional conseguido por causa de sua Graduação e, quiçá, até por sua Pós-Graduação lato sensu ou mesmo stricto sensu. É fundamental que o profissional máximo da educação se convença da necessidade essencial de que sua atuação profissional seja caracterizada por um processo, sem parar, de reflexão, de ação e de nova reflexão sobre a ação realizada frente à teoria assumida.

Esse tipo de atitude vai exigir que o professor, de qualquer nível, esteja constantemente se autoavaliando nas coisas que dizem respeito às suas competências, ao seu planejamento, aos seus posicionamentos diários na sala de aula em relação aos alunos. Isso não pode ser uma avaliação semestral ou anual. Tem que ser antes e depois de cada aula partilhada com seus alunos. Cada aula dada deve ser um critério para a aula seguinte. Erros e acertos devem ser corrigidos e reforçados diariamente. Cada aula deve ser um novo começo e uma nova realidade. Só isso vai indicar espírito de flexibilidade nas convicções e atitudes do professor. Cada vez que ele vê a aula como um acerto seu e um fracasso dos alunos e não se dispõe a se colocar do lado do pensamento de seus educandos, ainda que imperfeito, irresponsável e ineficiente ou qualquer outro adjetivo que se possa utilizar, ele perde a chance

de ser considerado como um professor flexível e possibilitador de aprendizagens significativas (Cfr. PINTO, 2008, 2-4) .

Um dos sinais indicadores de esforço de adaptação de mentalidade e de instrumentos é o exercício da capacidade de reflexão, do abandono de práticas arcaicas de ensino e desenvolvimento pedagógico e a escolha de novos procedimentos para que o aluno aprenda. Pesquisa, tomada e executada em seu verdadeiro sentido e ação, é uma dessas alternativas pedagógicas. Pesquisa para o aluno, mas também e, antes, pesquisa para o professor. Pesquisa não só de “*copiagem*” de textos impressos ou internetados. .O desejável e verdadeiro tipo de pesquisa tem que ser causa e resultado de métodos, recursos, posturas, utilizados pelos docentes, visando à aprendizagem do aluno.

O professor universitário ou qualquer outro tipo de professor, que não tem didática, “só pensa na transmissão do conteúdo trabalhado sem se importar com o desempenho dos alunos, ou melhor, sem se preocupar com a formação integral do sujeito que quer formar para a vida” (PINTO, 2008, p.3) não pode ser validado como um professor próximo da perfeição. Essa é a terceira exigência para um professor ser perfeito: sua prática, o exercício eficiente e eficaz de sua função magisterial. Essa perspectiva o induz a prever e organizar o espaço e o tempo, considerando os avanços alcançados como alavanca para novas aprendizagens (PINTO, 2008).

Será impossível para o profissional do magistério produzir uma boa prática, sem ter se apropriado de uma substancial base intelectual.

Conhecimento e aplicação prática do mesmo também acontece, de forma privilegiada quando há um processo contínuo de reflexão, que necessita do embasamento teórico e prático da didática, porém, que também não deve ficar amarrado só às questões cognitivas, mas, também, à função do ensino, conforme as idéias da autora supra mencionada. Ela considera que “aprende-se a ser professor com a prática reflexiva, a qual leva à transformação de sua ação’ (PINTO,2008, p.4). Nesse sentido pode-se afirmar que:

[...] a reflexão não é um processo mecânico e solitário, nem um simples exercício de criação ou construção de novas idéias, que pode ser imposto ao fazer docente, mas uma prática que expressa a

tomada de decisões e as concepções que temos acerca de nossa ação pedagógica.(ISAIAS, 2004 apud PINTO, 2008, p.5).

Por fim, a autora expressa o conceito de que:

o professor ideal é aquele que cria situações para desenvolver o olhar crítico e o pensamento reflexivo. Não permanece preso a livros, vai além da transmissão de conteúdos. Permite a troca, tem o olhar além do que é óbvio, aceita a aproximação com o aluno (afetividade), demonstra preocupação por ele e o orienta. Valoriza e propicia situações que aumenta a auto-estima. Motiva as aulas. Procura conhecer o aluno. Não fica preso a uma única estratégia. Está constantemente se atualizando. Educa para a vida, como cidadão crítico. Valoriza, assim, o diálogo e permite a integração do grupo. Ama a profissão. (ibid., p.6)

Afinal de conta os saberes, os pensares e os fazeres de um professor são exigências para um profissional que **conhece** (estuda, forma-se, gradua-se, pós-gradua-se, pesquisa), **reflete** o seu conhecimento e reflete (reflexão não deixa de ser uma pesquisa intelectual, interior) a situação concreta do seu campo de trabalho e busca fazer sínteses e antíteses contínuas de sua ação e do seu conhecimento (pesquisa, portanto, a realidade onde está trabalhando e pesquisa a sua forma didático-filosófica de atuação) e, por fim, **atua, age**, transforma o mundo do seu educando e o mundo que rodeia educador e educando. Assim se concretiza a completa perfeição do professor: conhecimento, reflexão e prática. Assim o professor fica completo, torna-se perfeito.

CONCLUSÃO

Um professor completo e perfeito é possível. Desde que esse engenheiro da educação, da formação e da cultura totalize e sintetize numa só realidade seus saberes (conhecimento), seus fazeres (sua prática), seus pensares (suas reflexões, suas pesquisas).

Tais elementos autorizam a concluir que um professor perfeito, completo, é possível. Não importa que extensão ou qualificação queira se dar a essa perfeição. Desde que sejam encontrados os três pré requisitos acima em uma profissional da educação, pode-se indicar: eis aí um professor perfeito.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio**: o Dicionário da Língua Portuguesa – Século XXI. 3.ed., rev., ampl., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p.513, 1543.

PINTO, Daniella Basso Batista. *O Papel do Professor Universitário em Termos da Didática, Frente aos Novos Desafios da Sociedade Contemporânea*. Artigo de 25/04/2008. Disponível em: <http://www.gestaouniversitaria.com.br:80/> . Acesso dia 04/05/2008.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA AUTORA DO ARTIGO FONTE

CASTANHO, S (org). **Temas e textos em metodologia do Ensino Superior**. 3ª Ed. São Paulo: Papyrus, 2001.

DEMO, Pedro. O novo papel dos professores. **Suplemento-Folha Dirigida**. São Paulo, ano X, n. 1017, 17 a 23 out 2003.

ISAIA, S.M. & ET AL. **Formação do professor do Ensino Superior**: um processo que se aprende? Edição 2004, v.29, n..2.

MASETTO, Marcos T. **Competência pedagógica do professor universitário**. S.Paulo: Summus, 2003.

PERRENOULD, Philippe. **Construir as competências desde a Escola**. Porto Alegre, Artmed, 1999.

RELATÓRIO para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI. Educação: um tesouro a descobrir. 2ª ed. Cortez, 1999.